



ARTIGOS - ARTICLES

As desilusões de um historiador: as idades médias de Michelet

Carlos Roberto Figueiredo Nogueira¹
Universidade de São Paulo
crfnogue@usp.br

Como citar este artigo: NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. "As desilusões de um historiador: as idades médias de Michelet", *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº11, pp. 52-62. 2021. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

Resumo: Este artigo pretende acompanhar a vida do melhor historiador francês (talvez europeu) do século XIX em sua busca da história do *povo* e as reviravoltas que seus escritos sofrem, em um movimento dialético, ao sabor das mudanças políticas na França. Suas Idades Médias são textos privilegiados para entender seu método e as mudanças na sua compreensão da história.

Palavras-chave: Jules Michelet. História. Idade Média.

A Historian's Disappointments: Michelet's Middle Ages

Abstract: This article aims to follow the life of the best French (perhaps European) historian of the nineteenth century in his search for the history of the people and the twists and turns his writings undergo, in a dialectical movement, in the context of political changes in France. His Middle Ages are privileged texts to understand his method and the changes in his understanding of history.

Keywords: Jules Michelet. History. Middle Ages.

¹ Carlos Roberto Figueiredo Nogueira é doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1981). Atualmente é professor Titular (Sênior) de História Medieval da Universidade de São Paulo Acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História, é coordenador do GEMPO, ligado à Cátedra Jaime Cortesão e integrado por pesquisadores da USP, UFRJ, Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidade do Porto e l'Université de Poitiers/ Centre de Etudes Supérieures de Civilisation Médiévale, cuja Linha de Pesquisa é "Poder e Relações de Solidariedade em Portugal Medieval" www.fflch.usp.br/cj/gempo.

Jules Michelet é um necromante, dizia Jacques Le Goff (1979, p. 20) É a origem da Nouvelle Histoire, como diz no artigo principal da publicação original, redigida pelo próprio Le Goff, onde denomina a Michelet o “Profeta da Nova História” (LE GOFF, 2006, p. 50).

Ainda que tomemos com certa cautela essa afirmação bombástica e egocêntrica, a Nova História tem muito a dever a Michelet, apesar de seus acertos e desacertos, iniciados em *Faire de l'histoire* e continuados em *La nouvelle histoire*². Ela seria mais adequada se aplicada às origens da Nova História, ou seja, os *Annales*. Em especial o manuscrito inacabado de Marc Bloch *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*, publicado por Lucien Febvre (BLOCH, 1952). Ali, em uma referência à necessidade de estudar a coletividade humana e não o singular, quase parodiando Michelet, Bloch escreve: “*Le bon historien, lui, ressemble à l'ogre de la légende. Là où il flaire la chair humaine, il sait que là est son gibier*” (BLOCH, 1952, p. 18).

Michelet foi o historiador que deixaria a marca mais profunda na história pós-revolucionária da França do século XIX. Michelet, o mais famoso e provavelmente o melhor de sua época: o homem que a partir dos pressupostos estéticos do romantismo, levou mais longe o programa de uma história popular e nacional (FONTANA, 2004, p. 186).

Michelet o primeiro a basear sua história, em sólida erudição, sua *Histoire de la Révolution française* nasceu dentro dos Arquivos. “Eu a escrevi durante seis anos (1845.1850) neste depósito central, onde fui chefe da secção histórica. Depois mais dois anos no Arquivo de Nantes muito próximo à Vendéia, onde explorei suas preciosas coleções” (MICHELET, 1868, p. 14). E nessa história o povo é o protagonista, o assalto à Bastilha é um “ato de fé” coletivo que não foi proposto por ninguém concretamente, mas que é realizado por todos (MICHELET, 1868, p. 263).

No extremo oposto de Michelet está Alexis de Tocqueville. Para este há uma oposição entre a liberdade, que é um fim legítimo da revolução e da

² Cabe Lembrar o destino da publicação de Pierre Vilar, “Histoire marxiste, histoire em construction”, aceito sem ser lido antecipadamente pelos autores da coletânea, que denunciava as armadilhas e os erros de Foucault, dando a entender que eram tão grandes que só podiam ser deliberados. A ira de Foucault perante a denúncia o levou a exigir dos organizadores que o texto de Vilar, fosse retirado da segunda edição. Demanda própria da miséria moral do personagem e que demonstra a incapacidade de enfrentar uma crítica feita com rigor. Cf. Fontana, 2004, p. 389-390.

construção de uma sociedade estável, e a igualdade, que leva a corrupção (TOCQUEVILLE, 1999). A consequência foi o caráter democrático da revolução, que eleva ao menosprezo dos direitos individuais, à violência já que o povo era o principal instrumento da revolução³.

O contraste entre a benignidade das teorias e a violência dos actos, que foi uma das características mais estranhas da revolução francesa, não surpreenderá ninguém se tivermos em conta que esta revolução foi preparada pelas classes mais civilizadas da nação, e executada pelas classes mais incultas e rudes. Os homens dos primeiros não tinham laços preexistentes entre si, não tinham qualquer utilidade em se darem bem, não se agarravam ao povo, o segundo tornou-se quase imediatamente o poder dominante assim que os velhos poderes foram destruídos (TOCQUEVILLE, 1952, p. 193).

A diferença é extrema entre este e Michelet, que escreveu sua história orgulhoso de haver nascido do povo, enquanto o visconde de Tocqueville era um aristocrata ilustrado.

Mas Michelet é muito mais que isso. É o precursor de uma história mais global, que tenta levar em conta todos os aspectos da vida dos homens, como explicava, em 1837, a Sainte Beuve:

Se eu tivesse apenas feito entrar na narrativa a história política, se eu não tivesse levado em conta os **elementos diversos** (grifo nosso) da história (religião, direito, geografia, literatura, arte etc.) meu caminho teria sido totalmente outro. *Mas era necessário um grande movimento vital para que todos esses vários elementos gravitassem juntos na unidade da narrativa* (BLOCH, 1952, p. 88).

Este *filho do povo*, nascido filho de artesão, que vivia e alimentava-se da História, com quem mantinha uma paixão insaciável e mesmo mostrava as dores de um coração partido quando a sua amada História, lhe traía no presente. A História da França, na verdade a sua autobiografia: "Método íntimo: simplificar, biografar a história como se tratasse de um homem, como se fosse eu. Tácito em Roma via a si mesmo, e, no entanto era Roma" (LE GOFF, 1979, p. 42).

Que é então o Povo para Michelet? É *Herr Omnes* (termo usado por Lutero) o senhor de Todo o Mundo. Opa! Sem excluir ninguém? Sim todos os *infrasecos*, os sacerdotes, os legistas, os intelectuais. Mas não a burguesia (BARTHES, 1988, p. 191).

³ Confira em *Inéditos sobre la revolución* de Alexis Tocqueville, citado Josep Fontana (2004, p. 198).

Michelet enfim, era o historiador para quem *o coração era o ponto de partida de meus pensamentos*, levando-o a oscilar entre a esperança mais ardorosa e o pessimismo mais sombrio oferecidos aos leitores em suas várias *Idades Médias*. Trata-se de uma verdadeira catarse que em seus vários avatares, reflete as angústias e as decepções de Michelet com o presente vivido. Para Michelet a Idade Média é mais que um período histórico. É o seu *métier d'historien* por excelência, que a acaricia, a despreza, mas sempre a ela volta, seja com rancor ou seja na descoberta de seu submundo.

Em sua Joana D'Arc, a tônica, a paixão: Michelet vivia o encantamento de uma Idade Média recém-descoberta nas fontes primitivas, às quais o historiador fazia acordarem e falarem revelando *a vida dos homens, das províncias, dos povos*. Publicada originalmente em 1841 como os dois primeiros capítulos do tomo V de sua História da França, a partir de 1843, passa a ser publicada à parte, pela importância que o historiador dá ao texto:

Uma criança de doze anos de idade, uma menina muito jovem confundindo a voz do seu coração com a voz do céu concebe uma ideia estranha, improvável, absurda, se quiser, para realizar aquilo que os homens já não podem fazer, para salvar o seu país. Ela cismou esta ideia durante seis anos sem a confiar a ninguém; ela nada diz, mesmo à sua mãe, nada a nenhum confessor. Ela espera até aos dezoito anos de idade, e depois, imutável, executa-o apesar do seu próprio e apesar de todos os outros. Atravessa a França devastada e deserta, as estradas infestadas de bandidos; entra na corte de Charles VII atira-se para a guerra e para os campos que nunca viu, para as lutas, nada a surpreende; mergulha sem medo no meio das espadas. Sempre ferida [...], ela tranquiliza os velhos soldados, arrasta todas as pessoas, que se tornam soldados com ela, e já ninguém ousa ter medo de nada. Tudo está salvo! A pobre rapariga, com a sua carne pura e santa, com este corpo delicado e terno, embotou o ferro, partiu a espada do inimigo e cobriu o seio da França com o seu peito (MICHELET, 1925, p. 38)

Joana D'Arc nos apresenta uma Idade Média grandiosa, mesmo em suas desgraças e horrores. “A possibilidade e o encantamento de um demiurgo: escrever a história total, ‘a ressurreição da vida integral’, a história simultaneamente mais material espiritual que permitisse estudar o progresso humano, cuja parte essencial, a força viva que chamamos homem”.

A Idade Média tão procurada e incansavelmente resgatada pelo Romantismo, o momento em que surge a nacionalidade, com o aparecimento da língua francesa: o momento do nascimento da França.

Idade Média da tão sonhada história total: se repleta de desordens físicas e mentais que levam o povo abandonado a agir por si próprio, também o período da materialização do espiritual, *o grande movimento progressivo, interior da alma nacional*. Momento de aparecimento e triunfo dos humildes, das *crianças*, da juventude, da natureza e da vida. Os bárbaros são crianças, São Francisco, criança, e a maior e mais legítima de todas: Joana D'Arc, criança abandonada e só, que em meio às chamas, mantém a sua fé interior propagando a santidade de suas vozes.

Joana D'Arc, o clímax da participação popular na História. Da consolidação dos reinos bárbaros surgira a mulher amada: a França. *A França, uma pessoa*, diz Michelet. A França nasce e o povo vai ao seu encontro.

Na primeira vez são as Cruzadas: prega-se aos nobres, mas são *os paupéres*, as crianças, que partem em primeiro lugar. A segunda aparição, mais individualizada. Não se trata mais da massa, da coletividade indistinta, mas agora o povo tem um nome: os Jacques.

E por fim a terceira aparição, singular e única: Joana D'Arc. Joana, o povo: A originalidade da Donzela, o que fez o seu sucesso, não foi tanto a sua bravura ou as suas visões, foi o seu bom senso. Graças ao seu entusiasmo, essa moça do povo vislumbrou o problema e soube resolvê-lo.

Joana representa o momento grandioso, o ápice de tudo que era maravilhoso para Michelet na Idade Média. É a encarnação dos sonhos e das lendas. “O Deus dessa época era bem mais a Virgem do que o Cristo. Era necessária a Virgem descida à terra, uma virgem popular, jovem, bela, doce, ousada” (MICHELET, 1925, p. 31).

A Virgem que acudia as batalhas descera à Cidade dos Homens para se encarnar, como seu Filho, entre os humildes, em uma simples rapariga camponesa. Criança camponesa, iletrada, “Recebeu sua religião não como uma lição, uma cerimônia, mas na forma popular e ingênua de uma bela história de serão, como a fé simples de uma mãe. O que recebemos assim com o sangue e o leite, coisa viva, a própria vida” (MICHELET, 1925, p. 9).

Joana, a última filha do passado, que abre as portas a uma nova era, com ela surge a Pátria. A Donzela anuncia o fim da Idade Média: “A jovem, sem o saber, criava, por assim dizer, e realizava suas próprias ideias, fazia delas seres, comunicava-lhes, com o tesouro de sua vida virginal, uma esplêndida e

todo-poderosa existência que faria empalidecer as miseráveis realidades deste mundo” (MICHELET, 1925, p. 10). Era o próprio povo humilde da França que tinha gerado a sua salvação: “Aquele que salvara o povo e a quem o povo abandonava não exprimiu ao morrer (admirável doçura de alma!) senão compaixão por ele...” (MICHELET, 1925, p. 149).

Contudo, mais que encarnação do povo, ou da Nação, Joana, Mulher. “O salvador da França tinha de ser uma Mulher”⁴. O salvador da França tinha de ser uma mulher: a França era ela própria uma mulher. Em Joana D'Arc, reencontramos a mulher em toda a sua glória. Glória na Bravura, na Tenacidade, glória no Martírio. É a Mulher, a *anima* histórica perseguida incansavelmente por Michelet: a Mulher, a Nação, enfim, a França amada e chorada por Michelet.

Assim, Joana D'Arc, um relato apaixonado e pleno de vida da história da pobre filha do povo, de carne pura e santa, que protegeu com o próprio corpo o corpo da jovem França. História da mulher que levou o povo, os *pauperes*, os humildes, as *crianças* da jovem nação, a ocupar o seu lugar na História, na redenção da Pátria da tirania estrangeira.

Mas a euforia acaba em 1855. Esta é uma obra marcada pelas sombras. Sombras do presente, das quais nosso historiador não consegue se desvencilhar. A Idade Média torna-se um horror, produzindo apenas, como disse Roland Barthes, “temas maléficos” (1988, p. 64). A Escolástica, *acabara com a máquina de pensar*, privilegiando a repetição. Um Michelet arrependido de sua História de 1833, declarando haver sido cegado pelas lendas, embrutecido pela escolástica e pelas admirações juvenis perante a esterilidade desse mundo, onde o espírito humano jejuou tanto que emagreceu.

Em sua segunda Idade Média, chamada apropriadamente de *A Agonia da Idade Média*, está espelhada a desilusão. O que era o capítulo final do livro X sobre a Idade Média na *História da França* converte-se agora em uma introdução ao século XVI, o século que agora importa, o século de Lutero e Colombo. A desilusão com a derrota do povo em 1848 e a sua decepção com o cruel materialismo da nascente sociedade industrial. A salvação da França dos capítulos anteriores desaparece nas sombras de um povo entorpecido pela

⁴ Cf. Introdução de Émile Bourgeois (MICHELET, 1925, p. XXIX)

Igreja e pela religião por ela imposta, que vê passar Joana d'Arc e diz: "Quem é essa moça?" (MICHELET, 1855, p. 74).

Mas a Idade Média retornará em sua grandeza no povo, mais precisamente nas mulheres do povo em 1862, com *La Sorcière* (1966). Do mundo sombrio que havia relegado a Idade Média, surge uma luz: a luz de Satanás, a luz da feiticeira.

A feiticeira, a voz do povo que Michelet buscava insaciavelmente e sempre o desiludia pelo silêncio, já estava gestada em sua Agonia da Idade Média. Em suas páginas finais, dedicou páginas e páginas a tratar de Sprenger, um dos autores do *Malleus Maleficarum*, descrevendo as perseguições implacáveis movidas por este às bruxas, para 12 anos depois descobrir em suas vítimas, antípodas por excelência, os atores que tanto buscava.

Em seu Prefácio de 1855 pode-se perceber claramente a gestação da sua Feiticeira:

O bom monge alemão Sprenger, que escreveu o Martelo das Bruxas, o famoso manual da Inquisição, pergunta: se porque é que há tão poucas bruxas e tantas bruxas, porque é que o Diabo se dá melhor com as mulheres. A esta pergunta ele encontra vinte respostas inteligentes: é que a mulher perdeu o homem, é que ela está tonta, que ela tem dentro dela (Salomão assegura-lhe) um abismo de sensualidade, etc., etc., etc., etc. Existem outras razões, talvez mais simples e mais verdadeiras.

A mulher, neste estranho tempo, idealmente adorada substituindo Deus no altar, é na realidade a vítima deste mundo em que todos os males caem, e ela tem o inferno aqui embaixo. [...] A mulher, um brinquedo miserável, sempre mãe, sempre de luto, concebida apenas dizendo (diz Sprenger): "O fruto seja do Diabo! "Com trinta ou quarenta anos de idade, sobrevivendo aos seus filhos, permaneceu sem família, negligenciada, abandonada". E na sua própria família, na casa dura do camponês, que lugar tinha a velha mulher? O último dos criados, o pastorzinho, é colocado mais acima. Ele é invejado e culpado por viver. Em tal e tal cantão da Suíça, é necessária uma lei escrita para que a mãe, na casa do seu filho, possa manter o seu lugar no fogo.

Ela vai se embora repreendendo, vagueia no prado deserto, vagueia nas noites frias, bñlis no seu coração e praguejando. Ela invoca os maus espíritos. E, se não existirem, ela irá criá-los. O Diabo, que está dentro dela, não tem muito tempo para vir. Ela é a sua mãe, a sua noiva, e quer adorar apenas a ele.

Quem teria retido esta mulher? Deus só lhe falou em latim, em símbolos incompreensíveis. O Diabo falou através da natureza, através do Mundo do qual ele é rei; os bens e os males deste mundo proclamaram o seu poder o suficiente. O Mundo! Acredita que este renunciou a ele? Desaparecido, pobre, disfarçado, vaiado pelas crianças, mantém uma vontade violenta, uma infinidade de ódios, de desejos estranhos. (Onde se para, uma vez fora do possível e lançado no desejo?) Mas o que ela

adquire acima de tudo é um poder diabólico para dar à luz o que ela quiser. Ela dá à luz a doença que aflige o seu vizinho. Ela realiza o aborto a que a mulher escarnekedora que a olha com repugnância se submete.

As bruxas, como vemos, tiveram pouco trabalho para esconder o seu jogo. Em vez disso, gabaram-se disso, e foi das suas próprias bocas que Sprenger recolheu muitas das histórias que enfeitam o seu manual. É um livro pedante, ridiculamente modelado nas divisões e subdivisões utilizadas por Tomistas, mas ingénuo, muito convencido, de um homem verdadeiramente assustado, que, neste terrível duelo entre Deus e o Diabo, em que Deus geralmente permite que o Diabo tenha a supremacia, não vê outro remédio senão perseguir o Diabo com a chama na mão, queimando o mais rapidamente possível os corpos em que ele toma residência (MICHELET, 1855, p. 67-69).

Para Michelet, Sprenger teve apenas o mérito de fazer um livro mais completo, que coroa um vasto sistema, toda uma literatura. Aos antigos penitenciários, aos manuais dos confessores para a inquisição dos pecados, sucedeu *a directoria* para a inquisição da heresia, que é o maior pecado. Mas para a maior heresia, que é a bruxaria, foram feitos diretórios especiais ou manuais, Martelos para bruxas. Estes manuais, constantemente enriquecidos pelo zelo dos dominicanos, alcançaram a sua perfeição no *Malleus* de Sprenger, o livro que o guiou na sua grande missão na Alemanha e que permaneceu durante pelo menos um século como guia e luz dos tribunais da inquisição.

Os demónios, tão comuns na Alemanha, eram raros em Itália, uma verdadeira curiosidade. Em poucos dias, Roma não falava de mais nada. Sprenger estudou e compilou todos os Mallei, e outros manuais manuscritos, e tornou-se uma força líder em procedimentos demoníacos. O seu Malleus teve de ser feito nos vinte anos que separaram esta aventura da grande missão dada a Sprenger pelo Papa Inocêncio VIII em 1484.

O momento parecia melhor escolhido por volta de 1484. A Inquisição, que tinha assumido proporções tão terríveis em Espanha e dominado a realeza, parecia então ter-se tornado uma instituição conquistadora, que tinha de marchar sozinha, penetrar por todo o lado e invadir tudo. Encontrou, é verdade, um obstáculo na Alemanha, a oposição ciumenta dos príncipes eclesiásticos, que, tendo os seus próprios tribunais, a sua própria Inquisição pessoal, nunca tinham estado preparados para receber o de Roma. Mas a situação destes príncipes, as ansiedades muito grandes que os movimentos populares lhes deram, tornou-os mais manejáveis. Todo o Reno e a Suábia, o Oriente mesmo em direção a Saltzburg, pareciam estar minados por baixo. As revoltas dos camponeses eclodiram de tempos a tempos. Era como um imenso vulcão subterrâneo, um lago de fogo invisível, que, de lugar em lugar, era revelado por jactos de chamas. A Inquisição estrangeira, mais temida do que a alemã, chegou aqui maravilhosamente para aterrorizar o país, para quebrar os espíritos rebeldes, queimando como feiticeiros hoje aqueles que, talvez amanhã, teriam sido insurgentes. Excelente arma popular para domar o povo, admirável diversão. A tempestade ia ser

desviada desta vez para os feiticeiros, pois em 1349 e em tantas outras ocasiões tinha sido atirada aos judeus.

Só foi necessário um homem. O inquisidor que primeiro, perante os tribunais ciumentos de Mainz e Colônia, perante o povo zombeteiro de Frankfurt ou Estrasburgo, ia montar a sua corte, tinha de ser um homem de espírito. A sua destreza pessoal teve de balançar, fazendo-o por vezes esquecer a natureza odiosa do seu ministério. Roma, a propósito, deu-se sempre ao trabalho de escolher muito bem os homens. Inconsciente das questões, ela acreditava, não sem razão, que o sucesso dos negócios dependia do carácter muito especial dos agentes enviados para cada país. O Sprenger era o homem certo? Antes de mais, era alemão, dominicano, apoiado antecipadamente por esta ordem temível, por todos os seus conventos, pelas suas escolas. Era necessário um filho digno das escolas, um bom escolástico, um homem com um forte sentido de responsabilidade. (MICHELET, 1855, p. 69-76)

Enfim, de volta a *La Sorvière*, Michelet, retoma o fim do Paganismo com a *Morte dos deuses pagãos*, a morte da Natureza, negada e ocultada pela Igreja: “Um enorme vazio se fez no mundo. Quem o ocupava? O demônio, diziam os cristãos, sempre e em todos os lugares o demônio: *Ubique daemon*.” (MICHELET, 1966, p. 20).

Assim, para Michelet, o que salva a Idade Média é o que ela própria condenou, sufocou e martirizou. *Uma Idade Média ao contrário*, uma Idade Média de resistência, de liberdade com um apanágio diabólico, frente a uma instituição tirânica e omnipresente: A Igreja. “De quando data a feiticeira? Respondo sem hesitar: Dos tempos do desespero. Do desespero profundo que instaurou o mundo da Igreja” (MICHELET, 1966, p. 10). A miséria da vida, a inferioridade e incerteza da condição feminina, a permanência dos deuses pagãos nos campos medievais envolvem-se e interligam-se produzindo os fenômenos mágicos para Michelet. Sua admirável intuição leva-o a recriar o imaginário medieval, intuindo a existência “real” do Demônio, única escora possível para uma vida sub-humana: “O que espanta é que a feiticeira criou verdadeiramente um ser. Ele tem todos os semblantes da realidade. Tem-se visto e ouvido esse ser. E qualquer um pode descrevê-lo” (MICHELET, 1966, p. 12).

Aí o historiador encontrou uma nova esperança para a França. Em seu *iluminismo da loucura lúcida* a feiticeira fez Satã. E o poder constituído age contra os dois – representações de forças políticas anarquizantes. Sua feiticeira tem as

feições do Prometeu moderno, contrapartida humana e feminina do *Lúcifer* de Lorde Byron.

Em que pese o estilo filosófico-literário enredado pelo Romantismo, e associando o satanismo ao espírito de progresso e à criação das ciências, Michelet, não obstante, intui a existência e a *necessidade* do universo mágico, percebendo o Demônio como uma peça indispensável, e mesmo vital, para a grande máquina religiosa de sua época.

É um espírito racional, mas não visualiza o passado com a miopia de outros pensadores e historiadores laicos. Suas hipóteses, consequências de toda uma época e de uma imaginação profundamente fértil, refletem a extraordinária intuição, guiada por uma invejável erudição, na reconstrução do universo de crenças, subjacente e mesmo imbricada na ortodoxia dominante, que produz a mentalidade mágica.

O seu amado povo é por fim encontrado, ao final da vida. Michelet é um precursor, como já dissemos acima, de uma historiografia posterior, tendo encontrado em sua busca incansável o estranho, a marginalidade, a periferia do mundo ordenado, que se tornaram a temática dos medievalistas do século XX. Mesmo nas sombras, na rejeição da Idade Média de 1855, aponta novos caminhos e objetos de estudo. As trevas produziram interrogações, não sendo o fim, mas o Purgatório necessário, para o encontro da LUZ, da luz do povo, da liberdade dos simples, que nos auxiliam na construção de uma História Total.

Referências

- BARTHES, R. **Michelet**. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- BLOCH, M. **Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien**. 2 ed. Paris: Armand Colin, 1952.
- BOURGEOIS, E. "Introduction" in **Jeanne D'Arc**, Paris: Hachette, 1925.
- FONTANA, J. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.
- LE GOFF, J. As idades médias de Michelet. In: **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Estampa, 1979.
- LE GOFF, J. **La nouvelle histoire**. Paris: Complex, 2006.

MICHELET, J. **Histoire de France**. Édition définitive, revue et corrigée. Paris: Ernest Flammarion, 1895. t. 7: Renaissance.

MICHELET, J. Preface. In: **Histoire de la Révolution Française**. Paris: Alphonse Lemerre, 1868.

MICHELET, J. **Jeanne D'Arc**. Paris: Hachette, 1925.

MICHELET, J. **La Sorcière**. Texte de la première édition de 1862. Paris: Garnier Flammarion, 1966.

TOCQUEVILLE, A. de. **L'ancien régime et la révolution**. Paris: Gallimard, 1964.

TOCQUEVILLE, A. de. **Souvenirs**. Paris: Gallimard, 1999.